

A POPULAÇÃO MARÍTIMA DA CIDADE DA HORTA EM FINAIS DO SÉCULO XIX¹

Maria Norberta Amorim

Carlota Santos

Introdução

Horta- Cidade Mar, assim se identifica hoje uma cidade que se pretende afirmar em termos turísticos. No seu porto, em vez das velas das baleeiras norte-americanas ou dos vapores para o Brasil que os séculos XVIII e XIX conheceram, perfilham-se os mastros dos iates vindos de todas as partes do mundo que deixam os seus símbolos pintados nas paredes do cais ou os seus troféus no café do Peter.

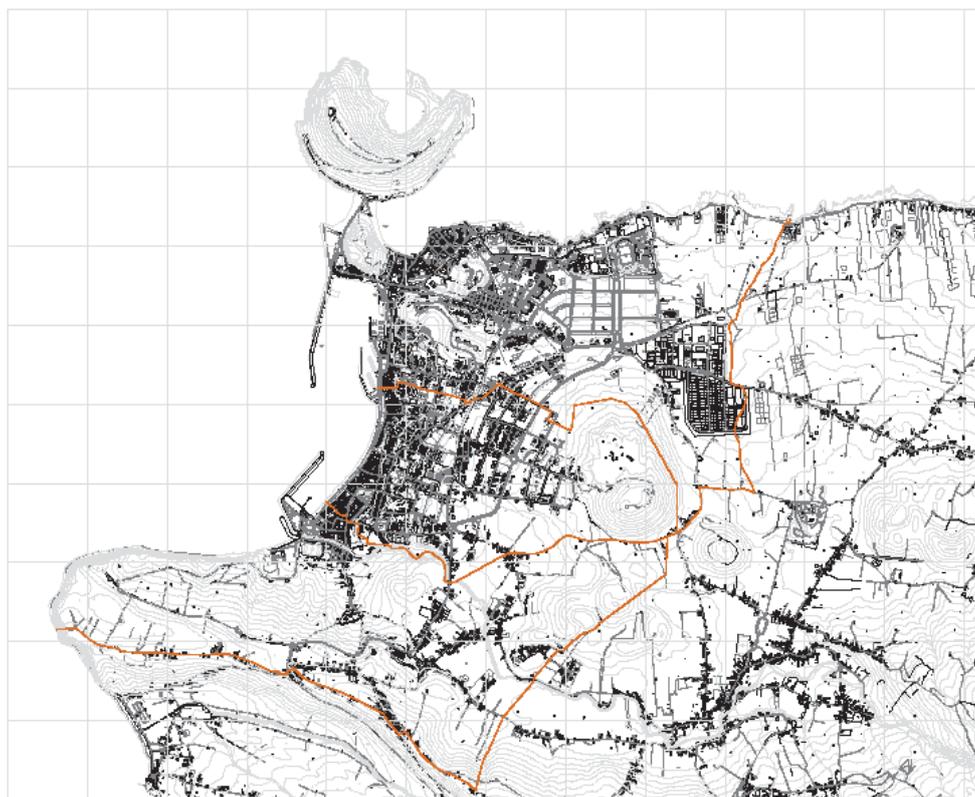


A marina da Horta (Verão de 2011)

¹ Investigação desenvolvida no âmbito do projecto “Espaços urbanos: dinâmicas demográficas e sociais (séculos XVII-XX)”, com referência PTDC/HIS-HIS/099228/2008, co-financiado pelo orçamento do programa COMPETE – Programa Operacional Factores de Competitividade na sua componente FEDER e pelo orçamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia na sua componente OE.

Cidade com três freguesias, Matriz, Angústias e Conceição, é a mais ocidental delas, a freguesia das Angústias, que se abre directamente ao ancoradouro do Porto da Horta e à Baía de Porto Pim.

Mapa 1



Planta da cidade da Horta com delimitação das freguesias

Para o projecto...., coordenado por Carlota Santos, a Horta foi a cidade escolhida para levar mais longe o cruzamento de fontes no sentido de aprofundamento da análise demográfica e da análise social. Beneficiamos de resultados de projectos anteriores subsidiados pela FCT, pela Direcção Regional da Cultura e pelas Autarquias Locais, nomeadamente a Câmara da Horta, na montagem de uma base de dados demográfica-genealógica que abrange a cidade e o seu enquadramento rural, as freguesias da ilha do Faial e da vizinha ilha do Pico. Beneficiamos também, particularmente para o século XIX, de variado tipo de fontes nominativas passíveis de cruzamento com a base de dados referida. O cruzamento interparoquial das bases demográficas e os cruzamentos subsequentes com essas outras fontes nominativas, nomeadamente rós de confessados e listas fiscais, é uma tarefa em curso que se expressou já em dois artigos focando a freguesia central da cidade (Amorim, Matriz da

Horta em 1883 – População e Residência, *Boletim do NCH*, 2008: 201-2226; Mobilidade demográfica numa cidade portuária. A Matriz da Horta entre os séculos XVIII e XIX: I Encontro do CITCEM, Guimarães, 2010).

O nosso objectivo neste trabalho é a incidência sobre a população marítima da cidade nos séculos XVIII e XIX, perseguindo comportamentos diferenciais no contexto urbano, com recurso às bases de dados demográfico-genealógicas e a fontes nominativas contemporâneas. Destas, salientamos uma lista civil de 1832 publicada por Licínio Tomás e Ricardo Madruga da Costa (Elementos para um retrato social da Vila da Horta em 1832, *O Faial e a Periferia Açoriana nos séculos XV a XX*, 1907, pp. 301-328 e Anexo, pp- 719-983²), um rol de confessados da freguesia da Matriz e outro da freguesia das Angústias relativos ao ano de 1883³ (não encontramos para a freguesia da Conceição esse tipo de documentação para o período), e Mapas das Matrizes prediais datados de 1884⁴.

Partindo-se dos resultados de um cruzamento sistemático das listas de residentes e das matrizes prediais com as bases de dados demográfico-genealógicas, perseguiremos o objectivo de avaliar comportamentos diferenciais no que respeita à relação com a propriedade imóvel e a momentos cruciais como o casamento e a procriação.

Plano de trabalho

Depois de uma identificação mais precisa das fontes e metodologias, passaremos das observações transversais ao acompanhamento dos percursos de vida.

Recorreremos primeiro à lista de 1832 (única data para a qual dispomos de uma lista de residentes a abranger as três freguesias) para apresentar uma perspectiva sociodemográfica da urbe hortense, com diferenciação por freguesia. Num desenvolvimento paralelo, para 1883, utilizaremos os róis de confessados da Matriz e das Angústias, recorrendo aos dados da Matriz Predial para estabelecer a relação dos residentes com a propriedade urbana.

² Agradecemos aos autores a disponibilização dos dados em formato digital.

³ Agradecemos aos párocos das freguesias das Angústias e da Matriz a cedência da informação dos róis de confessados e ao colega Carlos Lobão a reprodução em formato digital do rol das Angústias.

⁴ Agradecemos ao Sr. Machado Oliveira a disponibilização da informação sobre os Mapas das Matrizes prediais.

Dominantemente sobre as Angústias, dada a incidência dos marítimos nesta freguesia, passaremos depois à análise de comportamentos demográficos diferenciais, subordinado as observações às fontes disponíveis e ao volume de dados. Assim, consideraremos a idade média ao primeiro casamento, o celibato definitivo e as taxas de fecundidade legítima por grupos de idades da mulher.

Fontes e metodologias:

1- Bases de dados demográfico-genealógicas

Sob a nossa coordenação, as bases de dados demográfico-genealógicas das freguesias urbanas do concelho da Horta foram sendo construídas ao longo dos últimos anos, envolvendo um técnico local e dois outros do antigo NEPS (Núcleo de Estudos de População e Sociedade da Universidade do Minho, continuado no actual Grupo de História das Populações do CITCEM). Tratou-se de cruzar sistematicamente toda a informação disponível dos registos de baptizados, casamentos e óbitos para cada freguesia, usando a metodologia de reconstituição de paróquias (Amorim, 1991) com recurso ao SRP, aplicação informática desenvolvida por Fernanda Faria (Faria e Henriques, 2004).

A investigação actual exigiu uma revisão sistemática dessas bases de dados, estando condicionadas as nossas opções pelas lacunas do registo dos óbitos das Angústias entre 1815 e 1832 e entre 1835 e 1843 e a danificação por tinta corrosiva do primeiro livro de casamentos da Conceição, um grosso livro que se estendia do início do século XVIII até 1840.

2- Matrizes prediais

Dispomos, por freguesia, de um *Mappa organizado na conformidade do artigo 108º do regulamento de 25 de Agosto de 1881, contendo, por ordem alfabética, os nomes e moradas dos contribuintes inscriptos na matriz predial d'esta freguezia* (Freguesia da Matriz- Matriz Predial nº1, Freguesia da Conceição – Matriz Predial nº 2 e Freguesia das Angústias- Matriz Predial nº 3, todas do Concelho e Distrito da Horta), *e o rendimento collectavel total dos prédios que casa um n'ella possue*, mapas impressos na Imprensa Nacional, datados de 1883 e 1884.

A informação dos mapas foi extraída de forma ordenada dos livros da matriz predial respectiva, livros hoje desaparecidos.

O mapa contém 5 colunas, a começar por uma coluna de numeração do proprietário na ordem alfabética do respectivo nome, a figurar na segunda coluna. Na terceira coluna é indicada a morada de cada proprietário, na quarta os números dos artigos matriciais detidos pelo mesmo e na última coluna é indicado o rendimento colectável global desses artigos. Na generalidade dos casos encontramos apenas um artigo, um artigo urbano que é de admitir corresponder à casa de morada. Há naturalmente casos em que um mesmo proprietário dispõe de vários artigos, artigos correspondentes a casas que entrarão no mercado de aluguer.

3. Lista de residentes de 1832

A lista de residentes de 1832, embora decorra directamente da legislação de Mousinho da Silveira, publicada nos Açores nesse mesmo ano, e da criação das Juntas de Paróquia com objectivo de modernização da administração local, é um documento único, tanto pela sua situação no tempo como pela sua minúcia, sem paralelo nas outras freguesias do Arquipélago (Licínio Tomás e Ricardo Madruga da Costa, 2007:301-328).

Nesse documento, partindo de uma ordenação de residência por ruas ou praças (a indicação de residência não existe para a Matriz), são identificados os fogos, com o respectivo *cabeceira* e dependentes, expressando-se a relação de dependência, familiar ou profissional. A estes juntam-se eventualmente um ou outro *assistente*, assim designado, sem relação familiar expressa com o chefe do agregado.

Cada indivíduo é depois identificado pelo estado civil, idade, profissão ou estatuto e eventuais observações sobre a sua condição, como o caso dos inválidos, cegos ou outros. Apenas para as Angústias há indicação da naturalidade dos indivíduos.

Um dos aspectos interessantes desta lista é o facto de incluir os recolhidos nos conventos, no ano anterior à sua extinção.

4 – Róis de Confessados de 1883

Os róis de confessados que conhecemos para o último quartel de Oitocentos são recenseamentos da população de cada paróquia, com objectivo à partida religioso, de acompanhamento dos preceitos quaresmais. Esses arrolamentos são referidos, em regra,

ao último dia de um determinado ano ou ao primeiro dia do ano seguinte, embora, em alguns casos, se note que foram elaborados no período imediatamente anterior ao início da *desobriga* (confissão feita durante a Quaresma, obrigatoriamente ao pároco, pelos residentes maiores de 7 anos, seguida, para os maiores de 12-14 anos, pela comunhão⁵).

Todos os indivíduos residentes, desde o nascimento, são referidos, sendo-lhe atribuída uma idade que se revela exacta, ou em aproximação pouco desfasada.

O rol da Matriz da Horta de 1883 foi cuidadosamente elaborado, em boa ordem, com letra legível e elegante, não oferecendo ao investigador qualquer dificuldade de exploração.

As duas primeiras colunas integram a numeração sequencial dos *fogos* e os *números de polícia* respeitantes a cada arruamento. Sendo o *fogo* uma unidade familiar obrigada a *direitos paroquiais*, não corresponde necessariamente à unidade residencial expressa pelo número de polícia. A co-residência de diferentes *chefes de família* aparentados entre si, formando *famílias complexas*, justifica essa situação.

Em correspondência com os fogos e os números de polícia, na coluna seguinte são indicados os nomes dos residentes com os respectivos títulos honoríficos, académicos ou sacerdotais, segundo uma hierarquia familiar, raramente alterada. Numa família conjugal, ao nome do marido segue-se o da mulher, exceptuando-se os casos de viúvos ou de indivíduos com cônjuge ausente; depois seguem-se os nomes dos filhos por ordem de idade, independentemente do sexo e só depois, eventualmente, o nome de criados ou *assistentes*. Se se trata de uma *família alargada* a colaterais, irmãos, cunhados, ou sobrinhos, os nomes destes seguem-se aos dos filhos, independentemente das idades respectivas, o mesmo acontecendo aos ascendentes, avós, pais ou sogros, se estes vivem na dependência da geração mais nova. As *famílias múltiplas*, com dois ou mais núcleos conjugais de diferentes gerações, são frequentemente encimadas por *cabeças de casal* das gerações mais antigas. Se se trata de famílias múltiplas com chefes de família da mesma geração, é, em regra, o chefe de família mais velho a assumir esse papel de chefe do agregado. No caso de famílias não conjugais em que co-residem irmãos, são geralmente os indivíduos do sexo masculino a assumir a chefia do fogo. Em

⁵ Com o sacramento da comunhão acedia-se à maioridade religiosa, o que acontecia após o período da catequese. Aos 12 anos as raparigas estavam, em regra, aptas a receber a Comunhão, enquanto os rapazes esperavam, quase sempre até aos 14 anos.

outros casos de grupos residenciais sem parentesco evidente, notamos, por cruzamento com a matriz predial, que é o proprietário da casa a assumir a chefia.

Em coluna própria é indicado o estado civil de cada residente maior de 14 anos. No caso de criados essa indicação aparece para indivíduos de idade inferior.

Em outra coluna é indicada a idade de cada residente, em anos. Para aqueles que têm menos de um ano, a idade é expressa em meses ou mesmo dias. Apenas para uma família de 3 pessoas, pai, mãe e filha, e no caso de indivíduos pertencentes a minorias religiosas, 4 judeus e 2 protestantes, não é indicada a idade. Nestes últimos casos também não é indicado o estado civil.

A profissão, a situação de proprietário ou de *sem agência*, é quase sempre referida para os chefes de família de um e de outro sexo, mas para dependentes só são referidas profissões de maior notoriedade social. Os criados são identificados como tal.

O rol refere-se, naturalmente, ao cumprimento dos preceitos quaresmais pelos indivíduos aos mesmos obrigados. Os indivíduos do sexo masculino entre os 7 e os 14 anos e para os indivíduos do sexo feminino entre os 7 e os 12 anos estavam apenas sujeitos à penitência, os de idade superior eram obrigados à Penitência e Eucaristia.

O rol das Angústias desse mesmo ano de 1883 cumpre os mesmos objectivos, mas oferece maiores dificuldades. Além de leitura difícil, de alguma desordem na hierarquia familiar, foi usado como rascunho para a elaboração do rol do ano seguinte, exigindo da parte do investigador tratamento adequado⁶.

⁶ A nossa opção foi contabilizar como população residente apenas aquela que o documento evidencia ter sido referida numa primeira fase, à qual corresponde uma numeração, excluindo todos os casos de nomes intercalados.

Desenvolvimento

1- Situação em 1832

1.1. Quadro geral comparativo da população da Horta em 1832 e em 2001

Quadro I
Distribuição da população da Horta por grupos funcionais
(1832 e 2001)

1832							
Grupos idades	Sexo masculino		Sexo feminino		Sexos reunidos		Relação Masc.
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
0-14	1214	43	1113	27	2327	33	109
15-64	1465	51	2732	66	4197	60	54
65 e +	163	6	294	7	457	7	69
Total	2842	100	4139	100	6981	100	69
2001							
Grupos idades	Sexo masculino		Sexo feminino		Sexos reunidos		Relação Masc.
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
0-14	741	24	689	21	1430	23	108
15-64	1967	64	2048	62	4015	63	96
65 e +	365	12	578	17	943	14	63
Total	3073	100	3315	100	6388	100	93

Numa primeira observação reparamos que em 1832 a população urbana da ilha do Faial aproximava-se das 7000 pessoas, mais 600 pessoas do que em 2001. Reparamos depois na juventude relativa da população em 1832, com 33% de indivíduos com menos de 15 anos, enquanto em 2001 apenas 23% se inseriam nesse grupo etário. Os indivíduos com 65 ou mais anos, por seu lado, com um peso de 7% na primeira data, passam para 14% na segunda, tendo especial relevo, nos nossos dias, a sobrevivência da população feminina.

As diferenças entre os dois momentos no que respeita a relações de masculinidade são expressivas, encontrando-se em 1832 apenas 69 homens em 100 mulheres, a indiciar uma forte mobilidade diferencial. Em 2001 a relação posiciona-se em 93 em 100.

Se incidirmos depois a nossa atenção na estrutura demográfica de cada uma das três freguesias urbanas em 1832, encontramos diferenças com algum significado que indiciam uma também diferente estruturação social.

Quadro II
Distribuição da população das freguesias da Horta por grupos funcionais
(1832)

Conceição							
Grupos idades	Sexo masculino		Sexo feminino		Sexos reunidos		Relação Masc.
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
0-14	387	43	373	31	760	36	104
15-64	475	52	775	64	1250	59	61
65 e +	44	5	61	5	105	5	72
Total	906	100	1209	100	2115	100	75
Matriz							
Grupos idades	Sexo masculino		Sexo feminino		Sexos reunidos		Relação Masc.
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
0-14	475	40	430	22	905	29	110
15-64	635	54	1353	69	1988	63	47
65 e +	66	6	182	9	248	8	36
Total	1176	100	1965	100	3141	100	60
Angústias							
Grupos idades	Sexo masculino		Sexo feminino		Sexos reunidos		Relação Masc.
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
0-14	352	46	310	32	662	38	114
15-64	355	47	604	63	959	56	59
65 e +	53	7	51	5	104	6	104
Total	760	100	965	100	1725	100	79

A freguesia mais jovem em 1832 era as Angústias, com 38% de população menor de 15 anos, e a mais envelhecida a Matriz, em que essa percentagem se colocava apenas nos 29%, colocando-se a Conceição em situação mais próxima das Angústias. A população idosa, indivíduos com 65 ou mais anos chegavam aos 8% na Matriz, enquanto na Conceição e Angústias se situavam nos 5% e 6%, respectivamente.

Também era nas Angústias onde a relação de masculinidade global se encontrava mais equilibrada, 79 em 100, mas com grandes distorções se considerarmos os grupos funcionais. Nas idades activas encontramos apenas 59 homens em 100 mulheres na freguesia.

Na Conceição, embora a relação de masculinidade para todas as idades se coloque nos 75 em 100, para os indivíduos entre os 15 e os 65 anos essa relação é um pouco mais equilibrada do que nas Angústias, com 61 homens em 100 mulheres.

Na Matriz a relação de masculinidade dos maiores de 15 anos apresenta-se ainda mais distorcida, com 47 homens em 100 mulheres entre os *activos* e apenas 36 homens em 100 mulheres entre os *velhos*.

Além da existência na Matriz de maior volume de população feminina conventual (202 mulheres para 55 homens), considere-se nessa freguesia a incidência de mobilidade diferencial de sinal contrário por motivos de trabalho, a emigração de indivíduos do sexo masculino e a entrada de indivíduos do sexo feminino para o mais frequente serviço doméstico.

A diferente estruturação demográfica em 1832, por freguesia, não deve deixar de corresponder a uma distribuição socioprofissional geograficamente diferenciada.

1.2 Distribuição socioprofissional chefes de família do sexo masculino em 1832.

Não obedecendo aos mesmos critérios as referências a ocupações femininas em cada uma das freguesias, a nossa opção, para facilitar análises comparativas, foi apresentar apenas a posição socioprofissional dos chefes de família do sexo masculino. Nesse mesmo sentido não consideramos, nesta observação, a profissão dos dependentes.

No entanto, convém realçar que a chefia dos fogos segundo os sexos não assume a mesma distribuição nas três freguesias. Na Conceição e nas Angústias as percentagens de fogos com chefia masculina situam-se nos 70% e 69%, respectivamente. Na Matriz, excluindo as instituições como o Hospital da Misericórdia, as Cadeias, a Casa da Rosa e os Conventos, só 56% dos fogos são encabeçados por homens, em coerência com uma mais distorcida relação de masculinidade.

Quadro III
Distribuição socioprofissional dos chefes de família do sexo masculino
(1832)

Profissões/estatutos	Conceição		Matriz		Angústias		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
PROPRIETÁRIOS	24	7	67	18	19	6	110	11
LAVRADORES	20	6	3	1	19	6	42	4
TRABALHADORES/JORNALEIROS	75	21	57	16	68	23	200	20
MARÍTIMOS	41	12	8	2	106	36	155	15
ARTÍFICES	108	31	78	22	35	12	221	22
NEGOCIANTES E CAIXEIROS	28	8	48	13	16	6	92	9
FUNICIONÁRIOS ADMINISTRATIVOS, MILITARES E ECLESIÁSTICOS	23	6	43	12	10	3	76	8
OUTROS	20	6	40	11	9	3	69	7
SEM PROFISSÃO	10	3	19	5	14	5	43	4
TOTAL	349	100	363	100	296	100	1008	100

Como se previa, no ano de 1832, encontramos na urbe hortense uma clara repartição geográfica segundo a situação socioprofissional de cada chefe de família. Os proprietários e negociantes afirmavam-se na Matriz, os artífices na Conceição e os marítimos e trabalhadores nas Angústias.

Incidindo a atenção sobre os marítimos, verificamos que, embora 15% dos chefes de família da então vila da Horta tivessem uma actividade relacionada com o mar, o seu peso assumia uma expressão residual na Matriz, apenas 2%, chegava aos 12% na Conceição, atingindo a maior relevância nas Angústias, com 36%.

2. Situação em 1883

Decorrido pouco mais de meio século, em 1883, a população da cidade da Horta apenas atingia os 7141 habitantes (Amorim, 2001), num crescimento anual que não chegou aos 0,5 em mil, mas já com mudanças significativas na posição relativa das diferentes freguesias. Enquanto em 1832 a freguesia das Angústias apenas detinha 25% da população urbana, ficando a Conceição com 30% e a Matriz com 45%, meio século mais tarde a freguesia das Angústias atingia os 30%, em detrimento da Conceição que passara para 26%, ficando a Matriz com os restantes 44%.

Quadro IV
Distribuição da população das freguesias da Matriz e Angústias por grupos
funcionais
(1883)

Matriz							
Grupos idades	Sexo masculino		Sexo feminino		Sexos reunidos		Relação Masc.
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
0-14	376	29	417	22	793	25	90
15-64	805	63	1337	70	2142	67	60
65 e +	96	8	167	8	263	8	57
Total	1277	100	1921	100	3198	100	66
Angústias							
Grupos idades	Sexo masculino		Sexo feminino		Sexos reunidos		Relação Masc.
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
0-14	309	31	335	27	644	28	92
15-64	648	64	838	67	1486	66	77
65 e +	55	5	82	6	137	6	67
Total	1012	100	1255	100	2267	100	81

Apesar de volume de baptizados se aproximar nas duas freguesias, as taxas brutas de natalidade são favoráveis às Angústias em 1883, com 30 nascimentos em 1000 habitantes, enquanto na Matriz se quedava nos 26 por mil⁷.

Pelo quadro verificamos que no meio século que se seguiu a 1832 se deu um envelhecimento significativo da população nas duas freguesias, reduzindo o peso dos jovens, mas sem aumentar o peso dos velhos. Apesar do valor mais confortável da taxa bruta de natalidade, foi nas Angústias onde a mudança mais se evidenciou, passando dos 38 % em 1832 para 28% em 1883. Na Matriz, passa-se de 29% para 25%.

Essa situação pode reflectir alguma alteração mais significativa no quadro social das Angústias para o final do século XIX.

⁷ No cálculo das taxas brutas de natalidade foi considerada a média dos nascidos em cada uma das freguesias nos anos de 1882, 1883 e 1884.

Quadro V
Distribuição socioprofissional dos chefes de família do sexo masculino
(1883)

Profissões/estatutos	Matriz		Angústias		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
PROPRIETÁRIOS	131	23	51	11	182	18
LAVRADORES	19	3	13	3	32	3
TRABALHADORES/JORNALEIROS	74	13	117	25	191	19
MARÍTIMOS	1	0	97	21	98	9
ARTÍFICES	62	11	65	14	127	12
NEGOCIANTES E CAIXEIROS	61	11	21	4	82	8
FUNCIONÁRIOS ADMINISTRATIVOS, MILITARES E ECLESIASTICOS	73	13	22	5	95	9
OUTROS ⁸	17	3	25	5	42	4
SEM PROFISSÃO REFERIDA	130	23	56	12	186	18
TOTAL	568	100	467	100	1035	100

Parece depreender-se dos resultados para 1883 que o meio século de regime liberal terá condicionado uma maior aproximação nos quadros sociais da Matriz e da freguesia urbana periférica. Aumentaram nas Angústias os proprietários, os funcionários e os artífices, com redução de marítimos relativamente aos trabalhadores indiferenciados. O aumento relativo da população das Angústias, além da maior fortaleza da dinâmica demográfica, pode relacionar-se também com uma situação de acolhimento da população vinda de fora que procurava na cidade novas oportunidades⁹.

3. Os marítimos e a propriedade urbana

Pelos mapas das matrizes prediais conhecemos os nomes dos proprietários referidos a cada arruamento, assim como os nomes dos proprietários residentes em outras freguesias do Faial ou na vizinha ilha do Pico. Não encontramos referência a proprietários de qualquer outra ilha açoriana ou de qualquer outra região.

⁸ Foram incluídos em “outros” 21 casos de profissões de leitura difícil no documento

⁹ O mapa de 1832 já nos indicara que 24% dos indivíduos residentes na freguesia eram de fora da ilha, de outras ilhas dos Açores, do Continente, da Europa ou do Brasil.

Iremos apresentar um quadro comparativo da relação entre propriedade e residência nas freguesias da Matriz e das Angústias, considerando, para cada freguesia o número de proprietários da própria freguesia e de fora, o número de artigos matriciais e o rendimento colectável global, calculando depois a média de artigos por proprietário, o rendimento colectável médio por proprietário e o rendimento colectável médio por artigo matricial.

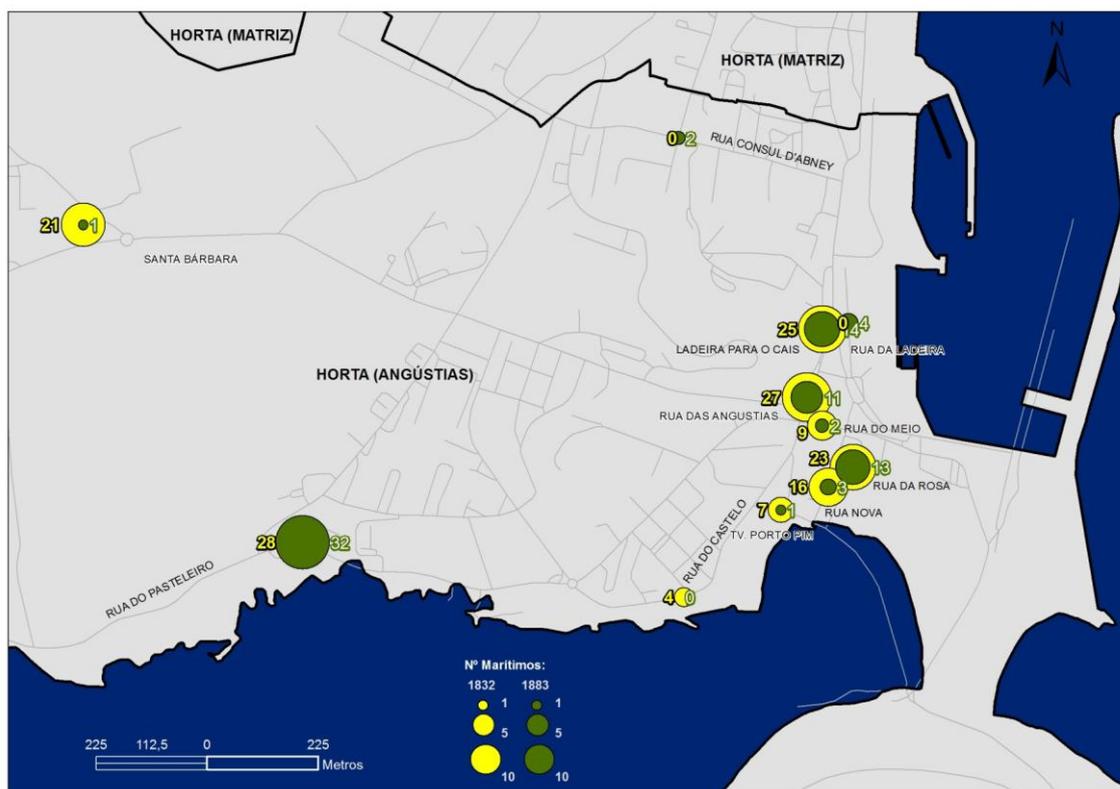
Quadro VI
Propriedade e Residência

Freguesias	Proprietários (1)		Artigos urbanos (2)		Rend. Colectável (3)		Relação 2/1	Relação 3/1	Relação 3/2	
	nº	%	nº	%	Valor (réis)	%	nº	%	nº	
Matriz	Proprietários da própria freguesia									
	416	83,5	647	85,6	18.680\$160	87,3	1,6	44\$904	28\$872	
	Proprietários de fora									
	82	16,5	109	14,4	2.721\$650	12,7	1,3	33\$190	24\$969	
Total										
	498	100,0	756	100,0	21.401\$810	100,0	1,5	42\$976	28\$309	
Angústias	Proprietários da própria freguesia									
	326	59,9	542	61,5	9757\$029	57,1	1,7	29\$930	18\$000	
	Proprietários de fora									
	218	40,1	339	38,5	7345\$121	42,9	1,6	33\$693	33\$693	
Total										
	544	100,0	881	100,0	17102\$150	100,0	1,6	31\$438	31\$438	

Os resultados mostram claramente a maior valorização do parque urbano da Matriz relativamente ao das Angústias. Enquanto no primeiro caso as casas teriam perto de 29\$000 réis de rendimento colectável médio, no segundo caso posicionavam-se nos 18\$000 réis. Reparámos depois que os residentes na Matriz eram mais frequentemente donos das casas em que viviam do que os das Angústias. Na Matriz, 87% das casas eram propriedade dos residentes, enquanto nas Angústias a percentagem colocava-se nos 57%.

No entanto, os números médios não exprimem a realidade diferencial. Algumas ruas das Angústias tinham casas boas como na Matriz, mas não era nessas casas que viviam os marítimos. Estes viviam predominantemente no Pasteleiro, na Rua da Rosa ou na Rua do Meio onde o parque habitacional era muito mais barato.

Mapa 2



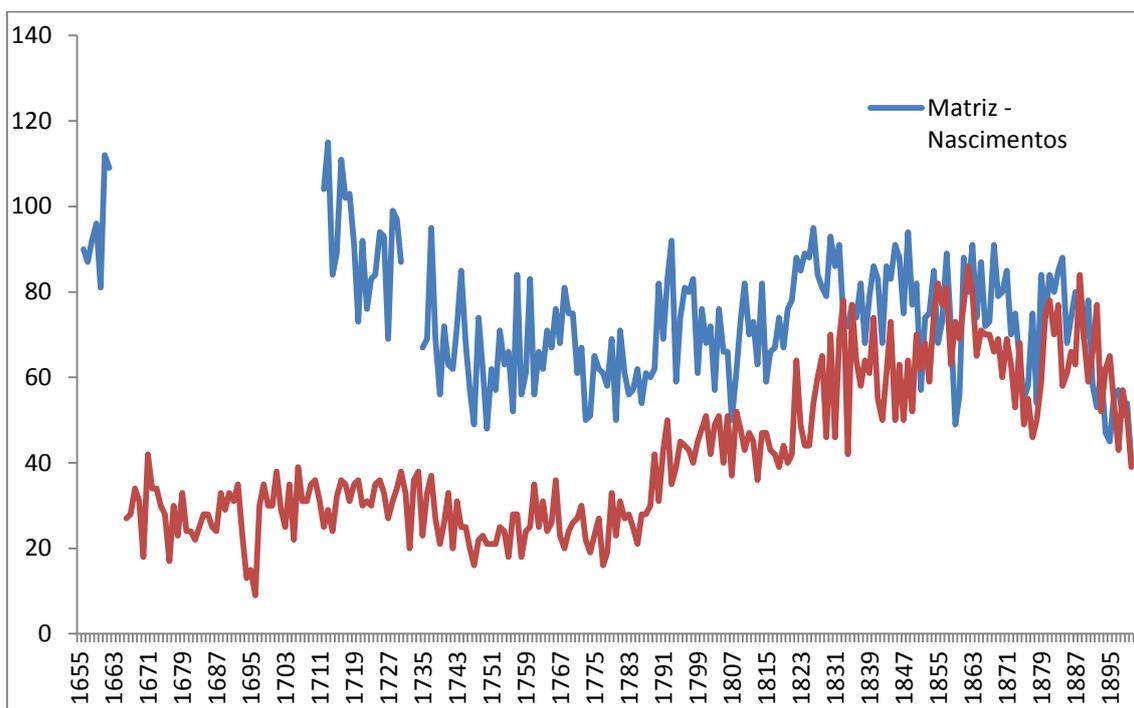
Incidência da população marítima na freguesia das Angústias

Cruzando os dados da Matriz Predial das Angústias com a base de dados demográfica verificamos que menos de metade dos marítimos eram proprietários na sua própria freguesia, contando-se 46 em 97. Desses 46 proprietários, 11 tinham mais do que uma casa. Para os restantes 35, o rendimento colectável médio era de 7\$180 réis, muito longe do valor médio das casas da freguesia que, como vimos, se colocava nos 31\$000 réis. Aprofundando mais a situação, verificamos que dessas 35 casas que seriam habitadas pelos marítimos com casa própria, uma tinha rendimento colectável inferior a 1\$000 réis; a grande maioria, 21 casas, valiam entre 1\$200 réis e 4\$800; 6 casas valiam entre 6\$000 e 9\$600 réis e as restantes 7 colocavam-se entre os 12\$000 réis e os 32\$400 réis de rendimento colectável.

5. Comportamentos demográficos diferenciais – os marítimos e outros

Começamos por observar o movimento anual de baptizados na Matriz e nas Angústias como pano de fundo na interpretação dos comportamentos demográficos que analisaremos.

Gráfico I
Movimento comparado de baptizados na Matriz e Angústias



O Gráfico evidencia claramente o crescimento acelerado das Angústias a partir de finais do século XVIII, subindo de cerca de 30 nascimentos por ano para valores próximos de 80 em meados do século seguinte. Ao invés, o maior volume histórico de baptizados da Matriz parece ter-se verificado no século XVII, baixando de forma muito significativa na primeira metade do XVIII, com crescimento moderado desde os finais deste século até meados do seguinte. De reparar que as duas curvas, Matriz e Angústias, se sobrepõem na descida de valores no último quartel do século XIX.

5.1. Comportamentos diferenciais de nupcialidade

Privilegiamos dois indicadores no estudo da nupcialidade: a idade média ao primeiro casamento e o celibato definitivo, um e outro indicador em observação transversal.

Quadro VII

Idade média ao 1º casamento – comportamentos diferenciais

Períodos	População			
	Homens		Mulheres	
	Observações	Idade média	Observações	Idade média
1750-1799	149	26,8	230	24,5
1800-1849	217	26,0	292	23,0
1850-1899	312	29,2	435	25,6
	Filhos de Marítimos			
1800-1899	28	24,4	47	22,5
1850-1899	28	30,0	63	21,5

Não sendo observado a segunda metade do século XVIII para os marítimos por reduzido número de observações, depreende-se, para os casamentos realizados no século seguinte, que as filhas dos marítimos casavam bastante mais cedo, o que terá tido necessariamente implicações no número de filhos nascidos, numa situação de fecundidade não controlada ou pouco controlada.

Analisando depois o celibato definitivo pela percentagem de indivíduos falecidos solteiros com 50 ou mais anos, dentro do conjunto de indivíduos que faleceram nesse grupo, para o período de 1850 a 1899, dadas as lacunas de óbitos na primeira metade do século, verificamos que os filhos dos marítimos ficaram mais frequentemente solteiros. No caso dos homens da freguesia, o celibato definitivo colocou-se nos 20%, enquanto a percentagem correspondente dos filhos dos marítimos se colocou nos 24%. No caso das mulheres, a posição respectiva é de 27% para 30%. Trata-se de valores elevados num e noutro caso, mas que afecta mais a população relacionada com o mar.

5.2. Comportamentos diferenciais de Fecundidade

Isolando os efeitos da idade média ao primeiro casamento, calculámos as taxas de fecundidade legítima por grupos de idades da mulher para a primeira metade do século XIX, embora o volume de famílias observadas no caso dos marítimos não se apresente muito confortável.

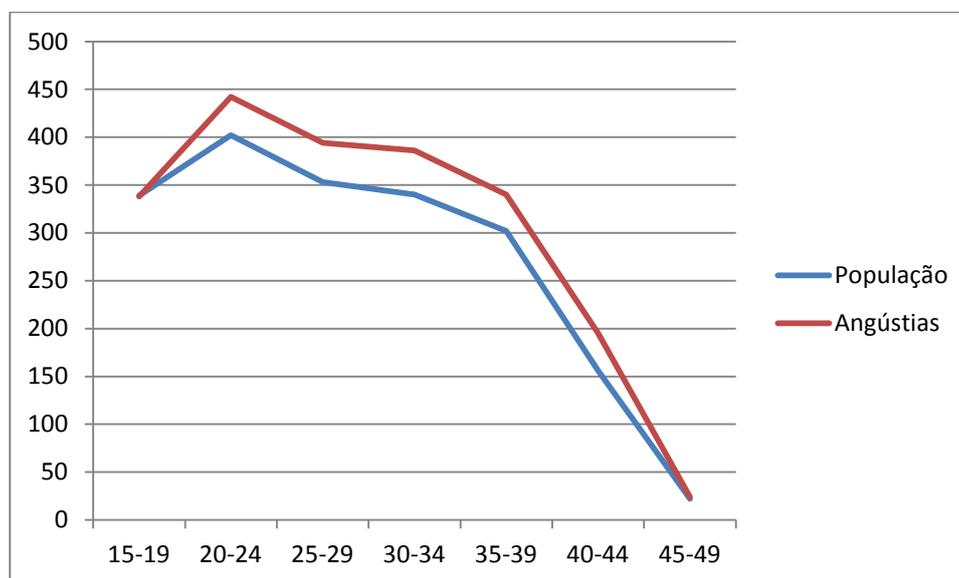
Quadro VIII

Taxas de Fecundidade legítima por grupos de idade da mulher

	Grupos de idades da mulher							DT	Obs.
	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49		
População	339	402	353	340	302	156	22	9,6	127
Marítimos	338	442	394	386	340	195	24	10,6	29

Gráfico II

Taxas de Fecundidade legítima por grupos de idade da mulher



Pelo quadro e gráfico respectivo verificamos claramente que as famílias dos marítimos apresentavam uma maior fecundabilidade do que o conjunto das famílias da freguesia, em todas as idades da mulher, à excepção do primeiro grupo de idades. Se a convivência conjugal se desenvolvesse dos 15 aos 49 anos (DT), nasceria mais um filho nas famílias dos marítimos do que na população.

A limitação de efectivos não nos permite neste momento levar muito mais longe a análise de comportamentos demográficos diferenciais. Esperamos que uma nova abordagem da freguesia da Conceição, cujos registos hoje retirados à consulta chegaram

a ser microfilmados, nos permita no futuro uma observação mais confortável para o conjunto da zona urbana.

Esperamos também que o cruzamento em curso com os registos de passaportes nos permita uma aproximação válida às variáveis mobilidade e mortalidade.

Notas finais:

Salientamos a importância, em sociedades tradicionais, do cruzamento de fontes nominativas sobre bases demográfico-genealógicas no sentido do aprofundamento de comportamentos diferenciais, quer no plano demográfico quer no plano social

Das fontes cruzadas sobre a base demográfico-genealógica referente à urbe hortense, perspectiva-se a diferenciação social na geografia urbana, com claro acantonamento sócio-profissional.

Esse acantonamento é evidente no caso dos marítimos, a viver predominantemente numa freguesia periférica, as Angústias, em ruas periféricas e casas pequenas das quais só poucos seriam proprietários.

A análise de comportamentos demográficos diferenciais dos marítimos das Angústias, relativamente à população, viu-se comprometida pelas lacunas de óbitos, a afectar a primeira metade do século XIX, e pelos pequenos números.

Foram possíveis as observações sobre idade média ao primeiro casamento, mais precoce entre os filhos dos marítimos, particularmente no caso do sexo feminino, e sobre celibato definitivo, mais frequente entre estes do que na população.

Encontramos depois uma descendência teórica mais elevada entre os marítimos, o que, da conjugação dos dois comportamentos, condicionaria um maior número de filhos dentro do casamento, em situações próximas de mobilidade e mortalidade, variáveis que não tivemos condições de abordar.

Bibliografia sucinta:

Amorim, Maria Norberta (1991), “Uma metodologia de reconstituição de paróquias desenvolvida sobre registos portugueses”, *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*, IX, 1:7-25.

Amorim, Maria Norberta (2008), “Matriz da Horta em 1883 – População e Residência”, *Boletim do NCH*, 2008: 201-226.

Amorim, Maria Norberta (2010), “Mobilidade demográfica numa cidade portuária. A Matriz da Horta entre os séculos XVIII e XIX”: I Encontro do CITCEM, Guimarães, no prelo

Arruda, Luís M. (2007), *Toponímia da Freguesia da Matriz da Horta*, Horta, Junta de Freguesia da Matriz.

Bandeira, Mário Leston (1996), *Demografia e Modernidade. Família e transição demográfica em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Lima, Marcelino (1943), *Anais do Município da Horta*, III edição, Vila Nova de Famalicão, Oficinas Gráficas Minerva.

Rocha, Gilberta P. N. (1991), *Dinâmica Populacional dos Açores no século XX. Unidade, permanência, diversidade*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores.

FARIA e HENRIQUES (2004),